

" VIVER COMO UMA BOLSA, DÁ?: UMA ETNOGRAFIA DAS TRAJETÓRIAS DE MULHERES DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA EM SANTA LUZIA, CEARÁ¹

Antonio Jefferson Lopes Martins (UNICSUL/CRAS)

RESUMO

Este artigo busca compreender as possíveis mudanças, e também permanências, nas trajetórias de vida de cinco mulheres residentes em um bairro periférico de uma cidade cearense com o recebimento do Programa Bolsa Família (PBF). Sendo uma política focalizada, voltada para as famílias pobres e extremamente pobres, as mulheres são consideradas como prioritárias na concessão desse auxílio financeiro. Para compreender essas trajetórias, tomei como referência os documentos produzidos pela gestão local da referida política no Centro de Referência da Assistência Social Família Cidadã (CRAS), onde essas usuárias realizaram seus cadastros e acessaram esse programa, entrevistas com os (as) profissionais envolvidos (as) na implementação do PBF no município e na realização de entrevistas com essas usuárias nos seus domicílios. Todas as entrevistadas residem no bairro Santa Luzia, local com precário acesso aos serviços públicos de saúde, educação, lazer e saneamento básico. Mesmo não sendo uma política de gênero, o Bolsa Família tem como prioridade a concessão de um auxílio financeiro para as mulheres enquanto responsáveis por seus familiares. A depender da dinâmica familiar elas acumulam atividades de cuidado e proteção mesmo com a presença do seu companheiro. Nessa perspectiva, as mulheres entrevistadas sentem-se “donas de seus lares”, ganham uma certa autonomia em suas vidas, no sentido que Rego e Pinzani (2014) usa esse termo, mas não há alterações das atividades tidas para “mulheres” e “homens” no âmbito doméstico com o recebimento dessa bolsa por elas. Dada a importância dessa política até mesmo para a sobrevivência familiar, identifiquei maiores dificuldades de superar a condição de penúria para as mulheres chefes de família de lares monoparentais, sobretudo, quando essas são negras e pobres.

Palavras-chave: Pobreza, Trajetórias, Bolsa Família.

INTRODUÇÃO

Desde outubro de 2016, venho pesquisando como as mulheres que recebem o dinheiro do Programa Bolsa Família (PBF) enfrentam a pobreza e sua relação com a desigualdade de gênero. Esta pesquisa está sendo realizada em um bairro periférico do município de Guaraciaba do Norte, Ceará, chamado Santa Luzia.

De acordo com último censo realizado no município, do IBGE (2010), o município guaraciabense conta com uma população, aproximadamente, de 37775

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

habitantes, sendo a zona urbana formada por 17 403, e a zona urbana contando 20 372 dessa população.

No que se refere as atividades econômicas, há um destaque para a produção de verduras e hortaliças, tais como tomate e agrião irrigados, mandioca, banana, sendo a agricultura uma das fontes de renda de muitas famílias, em especial, a chamada agricultura orgânica. Além dessa, o setor de comércio e serviços representa uma parte dos empregos existentes na cidade.

Esse programa social vem gerando discussões entre diversos segmentos da população brasileira, desde pesquisadores interessados na temática, aos próprios participantes dessa política. Além de minha família receber, por um certo período, auxílios do governo, a exemplo do Bolsa Gás e Bolsa Escola, meu interesse por esse tema foi despertado por alguns comentários. Os de maior recorrência foram: “As pessoas não querem mais trabalhar por conta do Bolsa Família”, “as mulheres engravidam para continuarem recebendo o Bolsa Família e não mais trabalharem como empregadas domésticas”.

Ao estranhar essas “opiniões” corriqueiras, me chama atenção o fato de grande parte das mulheres serem responsáveis pelo recebimento do Bolsa Família. Nesse sentido, surgem os seguintes questionamentos: O Bolsa Família proporcionou mudanças na vida dessas mulheres? Alterou as relações de gênero em suas famílias? É possível falar sobre um processo de empoderamento dessas mulheres?

Minha pesquisa tem como fio condutor a seguinte pergunta: como as mulheres que recebem o bolsa família percebem mudanças ou não em suas vidas no que se refere a pobreza e as relações de gênero? A partir dessa política pública pode-se afirmar o empoderamento dessas mulheres, enquanto um processo, como afirma algumas pesquisas (PEREIRA, 2013.PINZANI, REGO, 2014; MOREIRA, 2017). Ou seria uma alternativa a ofensiva neoliberal imposta as políticas direcionadas aos mais pobres, em especial, as mulheres (LIMA, SILVA, 2010).

Movido pelas questões acima e conhecendo alguns estudos sobre o impacto do PBF na vida de seus usuários (as), percebi que a relação entre gênero e pobreza é pouco problematizada. Nessa perspectiva, a pesquisa que venho desenvolvendo contribui para entender se houve alterações na vida das participantes no que se refere à situação de pobreza e as relações de gênero.

Para entender essas possíveis mudanças é necessário “ouvir as vozes” das usuárias dessa política social, como propõe Pinzani e Rego (2013). Essas vozes são oriundas de um lugar, e não são simplesmente experiências individuais de como lidar com situações de pobreza e sofrimento. Elas revelam também as dimensões da sociedade capitalista onde estamos inseridos(as), em que se produz e reproduz riqueza e miséria.

Neste artigo pretendo apresentar ao leitor (a) as características gerais do Bairro Santa Luzia, **locus** de minha pesquisa sobre as participantes do Programa Bolsa Família. Além disso, descrevo e reflito a minha entrada em campo, seus entraves e conquistas até então estabelecidas e alguns resultados, ainda preliminares, obtidos nessa inserção etnográfica.

ENTRE IDAS E VINDAS: ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO NO BAIRRO

A seguir, narro certos episódios ocorridos em campo que me despertou criar novas estratégias para realizar minha pesquisa. A primeira vista, pensei ser fácil pesquisar no bairro por ser um lugar familiar, mas não entendia a recusa, nos primeiros momentos, de algumas mulheres em participar da pesquisa.

Era uma manhã de sexta-feira, sai de casa às 9:00 horas, fim de outubro de 2016. Decidi nesse dia, andar sozinho nas ruas principais de Santa Luzia, a fim de realizar uma observação direta e não precisar de alguém que me acompanhasse na busca de entrevistar as mulheres que recebem o Bolsa Família. Tinha pressa e tentava “parecer” com algum jovem do lugar. No meu entendimento, era uma forma de conseguir entrevista e concluir o mais rápido possível meu trabalho de campo.

Dessa forma, percorria as ruas de bermuda, uma blusa com pequenos furos, bastante desgastada pelo tempo, e na época, estava muito magro, devido uma alergia que quase ceifou minha vida. Levei no bolso uma caneta preta e um pequeno caderno. E nada mais que isso. Andava, observava e nada de conseguir entrevista. Até porque boa parte das casas estavam fechadas, principalmente, as localizadas na parte central do bairro, onde se encontra a única igreja católica, pequenos supermercados e uma praça.

Deixei o bairro por volta do meio-dia, em um sol escaldante e chateado por não encontrar alguém para entrevistar. Percebi vindo em minha direção uma viatura da polícia. Eles mandaram que eu entrasse na viatura. Sem entender nada, os acompanhei até a delegacia. Chegando lá, fui recebido grosseiramente por um delegado, que falou: “É esse daí, bota pra reconhecer”. Fui levado a uma cela onde já estava preso um rapaz que

aparentava ser bastante jovem. “Foi esse aqui que assaltou contigo?”- indagou o policial ao jovem. E ele, por minha sorte, com firmeza respondeu: “ Nunca vi ele na vida, né esse não”. Alívio e raiva se misturavam naquele momento. Os militares ofereceram carona até minha casa, logo recusei. A partir desse episódio, pensei a refletir sobre o meu papel de pesquisador e quais estratégias usaria para investigar no bairro sobre as histórias de vidas das mulheres participantes do Bolsa Família. Vestir-se de forma desleixada e não me identificar enquanto estudante foi uma estratégia a ser abandonada.

Após esse sórdido episódio, pensei seriamente desistir da pesquisa em Santa Luzia. No entanto, escolher outro local não parecia uma solução viável considerando a disponibilidade de tempo e o gasto no deslocamento. Apesar de cansativo, é possível ir a pé até o bairro, seja por uma longa calçada ao redor da pista ou por algumas estradas esburacadas que estão presentes nas ruas.

A partir dessa experiência, percebi que quando se é jovem, negro, magro e pobre, perambulando pelas ruas, corre o risco de ser considerado suspeito de cometer ou estar planejando algum crime. Possivelmente isso não ocorreu somente comigo, mas com outras pessoas que possuem esse estereótipo.

Quando estamos em campo não só observamos o “outro”, estamos sendo observados (as) também. Seja pela maneira que nos vestimos, falamos e agimos e nos comportamos diante de nossos interlocutores e dos momentos vivenciados em campo local. Momentos de angústia, de não querer está ali, e de aprendizado até mesmo para nossa vida enquanto pessoa.

Dito isso, concordo com Magnani (2009) ao considerar a etnografia como prática, experiência e como uma certa noção de totalidade. É prática por se tratar de uma descrição de uma dada realidade em que o olhar, o ouvir e o escrever do pesquisador (a) estão disciplinados por alguma teoria em ciências sociais (OLIVEIRA, 2000, p.17) fruto de um aprendizado, de leituras, discussões. Sendo também uma experiência singular, pessoal, por ser tratar de algo bem sucedido em alguns momentos, mas não sem erros e enganos ao iniciar a pesquisa onde o pesquisador é considerado em geral como alguém intruso, “estranho por perguntar muito”. Enfim, o nosso “objeto de estudo” são pessoas inseridas em um contexto social mais amplo, em que selecionamos alguns aspectos desse contexto para melhor compreendê-lo em sua totalidade.

É preciso salientar que o bairro Santa Luzia é também chamado bairro do “Estádio”. Para os moradores essas denominações representam áreas distintas do local. Na parte central, fica a Igreja Católica, e ao redor desse templo estão casas, alguns

prédios, comércios e a única praça do local. Essa área é mais desenvolvida economicamente. As igrejas evangélicas, das mais variadas denominações, vem cada vez mais se multiplicando no lugar. Vemos praticamente em cada esquina um templo evangélico.

Antes de ir ao bairro em dias e horários marcados, e com maior frequência, não percebia diversidade ali presente. Considerava um local “carente”, onde só existiam situações de pobreza e miséria, e a divulgação por meio de programas de rádio, blogs de notícias, “páginas policiais” sobre assaltos, estupros, homicídios que lá ocorriam me deixava inquieto, mesmo sabendo que a violência não está localizada em um lugar específico da cidade, e tão pouco esses crimes acontecem apenas nesse local.

Ir pela manhã não foi uma boa ideia e andar sozinho também não. Nesse turno as casas em sua grande maioria estão fechadas e pouco se vê pessoas andando nas ruas, principalmente, em dias da semana. Não conhecia o cotidiano daquele local. Troquei a noite pelo dia.

A noite, por volta das 19:00 horas, no dia 15 de novembro de 2016, vi um grande fluxo de pessoas, em especial, nos fins de semana, geralmente presentes nos cultos de igrejas evangélicas e católica. O número de igrejas evangélicas no bairro me deixou surpreso. Praticamente, cada esquina possui um templo evangélico. São 15 ao todo. Esses templos de diversas denominações, e localizados nas áreas mais periféricas do lugar, “acolhem” ex- presidiários, pessoas homossexuais, pequenos traficantes, famílias “desestruturadas” entre outros que são considerados, por alguns moradores, como pessoas ruins, de famílias que “não valem nada”. Surpreendi-me a presença de um Centro Espírita, único no município, onde nas terças-feiras são distribuídas sopas as crianças mais pobres de lá.

Persistir andar sozinho, como disse, por ser um local familiar, onde tenho primos, amigos, amigas, morando por lá. Isso não me garantiu muita coisa nos primeiros meses de trabalho de campo, principalmente, quando disse que a pesquisa se tratava do Bolsa Família e a mudança nas condições de vida das mulheres. Uns me identificavam como alguém que podia cortar o auxílio, outras recusavam a falar. Foi essa sensação que senti nos primeiros meses: alguém estranho e intruso. Não posso omitir que sou pesquisador, mas também falar diretamente o que estou pesquisando assusta muita gente.

Sobre certo grau de familiaridade tanto com meus informantes, e com meu objeto de estudo, recorro a reflexão de Gilberto Velho (1999, p.126) sobre o pesquisador(a) está pesquisando em sua própria sociedade, com um tema familiar:

[...] O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente.

Como disse anteriormente, a recusa das mulheres do PBF em participar da pesquisa não me pareceu algo compreensível nas primeiras idas a campo. O medo de perder o auxílio é algo constante, especialmente, nas famílias que possui somente essa fonte de renda para sobreviver. O número de pessoas que perderam o auxílio aumentou, final de 2016 ao primeiro trimestre de 2017 (Gestão Cadúnico, 2017), sendo que cada vez mais permanecem no programa “os mais pobres entre os pobres”. Isso gera um sofrimento a todos e todas que dependem desse dinheiro para sua subsistência. Como então lidar com esse medo das mulheres? É uma questão que venho pouco a pouco enfrentando para convencer que minha pesquisa não vem auxiliar nos cortes do auxílio.

Uma das ideias que sempre me acompanhava no campo era de que pelo menos com o dinheiro do bolsa família as pessoas não passavam fome. Nesse caso, o dinheiro seria suficiente para alimentar toda uma família seja que tipo for. Mais um engano.

Novamente sozinho, numa manhã de sexta-feira do dia 15 de janeiro de 2017, sai de casa por volta das nove horas. Era um dia ensolarado. Dessa vez, vesti uma calça jeans clara, camisa listrada e tênis, e peguei uma topique que parou em frente ao hospital Maternidade São José. Mais um dia programado para realizar uma possível entrevista.

A topique estava lotada. Ao meu lado, sentou uma senhora que aparentava ter uns 65 anos ou mais. Não perguntei por sua idade. Era uma senhora negra, idosa, magra, transparecia está preocupada com alguma coisa. Levava uma sacola com uns pedaços de carne, segundo ela, esse seria seu almoço e jantar. Com os pedaços de carne faria um caldo para alimentar seus netos. Perguntei-a se não recebia algum auxílio do governo. E respondeu: “Recebo a bolsa família. Mas mal dá pra comer”. É uma mulher divorciada, vive com seus três netos, e não possui outra renda fora o Bolsa Família.

O caso desse senhora me deixou perplexo. Naquele momento, pensei pedir uma entrevista. No entanto, não era o momento e nem o local adequado. Ela estava com pressa, e não conseguir acompanhá-la até seu domicílio. Seria o caso dessa senhora o único? Ou andando pelo bairro encontraria situações similares ao dessa idosa?

Percebi a necessidade de saber quantas famílias recebem o Bolsa Família até setembro de 2017, totalizando 5788 famílias usuárias, e no último mês que tive acesso

ao relatório sobre o Bolsa Família e Cadastro Único no município de Guaraciaba do Norte, sendo que até agosto de 2018, recebem o Bolsa Família 6 197 famílias guaraciabenses.

Ouçõ através de conversas entre vizinhos que o valor da bolsa vem diminuindo gradualmente, sendo que muitas pessoas vem perdendo esse auxílio. Tal fato se confirmou com o conhecimento do relatório anual sobre o Cadastro Único e o Bolsa Família no município de Guaraciaba do Norte do período pesquisado de setembro de 2017 a agosto de 2018. No bairro Santa Luzia, são contempladas 340 unidades familiares no período analisado.

Idas e vindas marcam minhas incursões ao local de pesquisa. Por conta disso, já consegui bons resultados. Falar diretamente o que estou pesquisando, não me parece uma boa estratégia, nem também omito o que estou fazendo. Sei que observo muito e sou observado desde a minha maneira de agir, de se vestir e se comunicar. Algo que não dava tanta importância antes de ser confundido com um assaltante, como relatei em páginas anteriores.

Não tendo bons resultados em andar sozinho pelas ruas de Santa Luzia, através de amigas, amigos, conheci pessoas que trabalham bastante tempo em prol da melhoria das condições de vida daquelas famílias. Fui a casa das irmãs da visitaçõ ao Sagrado Coraçõ de Jesus, lugar onde abriga freiras católicas que fazem visitas, geralmente nos sábados e outros dias da semana, ao grupos familiares conhecidos por serem mais “problemáticos”, “desequilibrados”, em que a presença do alcoolismo, uso de outras drogas, além da privaçõ de alimentos.

O que noto nas poucas visitas realizadas que há famílias em situaçõ de miséria em que prevalece a uniãõ, o respeito e o amor no núcleo familiar. Inclusive foi surpreendente encontrar famílias com tão poucos recursos e muito unidos. Certamente não são todas que se organizam dessa forma, há diferentes arranjos familiares nas classes empobrecidas, não sendo por ser pobre que a família se torna um lar sem regras, afeto e responsabilidades.

Percebo uma solidariedade com os vizinhos mais pobres, conhecidos pela sua situaçõ de miséria. Talvez, seja por isso que não vi até o momento algum mendigo pelas ruas nesse lugar. Existe para além dessa solidariedade, disputas no interior do bairro, uma delas é por água em um chafariz, pois é disponível três dias na semana água encanada, sem a reduçõ do valor da conta mensal.

Existe uma demarcação pelos moradores entre espaços “perigosos” e espaços “melhores” para viver no local. No primeiro grupo estão pessoas suspeitas no envolvimento com o tráfico de drogas ilícitas, ex- traficantes, e moradores de outras cidades do interior cearense. Estas pessoas ficam mais “escondidas”, suas casas estão ao redor do estádio. Já o segundo grupo reside na parte central do bairro, onde se concentra comércios diversos e casas enfileiradas, de alvenaria, formando um grande círculo. Nessa área se encontra o templo da igreja católica e uma casa onde se realiza reuniões, festas e outras atividades religiosas. O primeiro pode ser classificado como “outsiders”, o segundo “estabelecido” como aponta a etnografia realizada por Elias e Scotson(2000) sobre as formas de socialização entre os moradores de uma pequena cidade inglesa, cujo nome fictício Wirston Paiva.

Na última ida ao campo, já um pouco conhecido entre os moradores, encontrei com uma ex-vizinha, que possui muitas amizades em Santa Luzia. Ela pediu uma cesta básica para uma jovem mãe. Segundo minha vizinha, essa jovem recebia o bolsa família, me disse até o valor: \$450,00 reais. Com esse dinheiro pagava o aluguel de \$ 225,00, e o restante gastava com a alimentação. Seus esposo trabalha como tatuador, mas o que ganha não é suficiente para as despesas domésticas.

Sem dinheiro para comprar a cesta de alimentos, pedi que ela fosse na minha casa, onde minha mãe com ajuda de outras pessoas, providenciou uma cesta. Depois disso, pude falar com minha vizinha e ela me cedeu uma longa entrevista, da qual não pude registrar pelo celular, mas conseguir memorizar pontos importantes de sua fala: um pouco da sua trajetória de vida no que diz respeito ao seu trabalho, dificuldades e alegrias.

Uma das formas de conseguir avançar minha pesquisa, além está acompanhado com uma moradora, é oferecer alguma ajuda sempre que possível a minha entrevistada. O programa Bolsa Família vem sofrendo a cada ano diversas alterações, participando dele “os mais pobres entre os pobres”, o que revela a principal fragilidade dessa política enquanto uma política de governo. Esse grupo é formado por mulheres com filhos, filhas, de baixa escolaridade, divorciadas ou convivendo com homens trabalhadores informais, em sua maioria, que exercem atividades com baixa remuneração e alta rotatividade, como é o caso dos chamados “bicos” de limpar estradas, pintar paredes da casa vizinha, descarregar mercadorias e alimentos em caminhões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha entrada em campo se fez paulatinamente vencendo alguns entraves. Sendo um dos principais não ser identificado como alguém que possa cortar a bolsa família principalmente das mulheres que possuem somente essa renda para essa subsistência e de seus familiares. O outro é o silêncio das mulheres usuárias do PBF, enquanto uma forma de comunicação não tão fácil de compreender. Estimular suas falas e ouvir suas vozes não me parece tão simples mesmo já estabelecendo bons informantes. Porém, é indispensável ouvi-las em seu próprio contexto para atingir os objetivos que propus em minha pesquisa.

De imediato, não entendia a recusa de algumas mulheres de participarem da minha pesquisa. Essa percepção que sou uma “ameaça”, lido a cada ida ao bairro. E se a bolsa acabar, o que acontecerá nesses lares mais empobrecidos? Voltaremos ao mapa da fome?

O dinheiro recebido por essas mulheres é pouco, mas para muitas é a única renda fixa mensal para os gastos com as despesas domésticas, alimentação, aluguel, vestuário, e quando “sobra” para o cuidado pessoal. Cada vez menos, os pobres vem sendo inclusos em programas de transferência de renda. Isso não se deve apenas a fragilidade da gestão do programa no município, mas por se tratar de um programa governamental suscetível a cortes ou até mesmo sua extinção o que provoca angústias as usuárias e usuários do Programa Bolsa Família.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social- Secretaria Nacional de Renda de Cidadania. Relatório do Bolsa Família e Cadastro Único no seu município, 2018

DA MATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo ou como ter ‘anthropological blues’**. In ____ Publicações do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, 1974.

EL, País. **Extrema pobreza sobe e Brasil já soma 13,5 milhões de miseráveis**, publicada em 06 de novembro de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/06/politica/1573049315_913111.html?fbclid=IwAR1-nPszY-d5Kyw1CNaSG0azkmRTv8nGMFDSsYhCVC2dHpoQBSm6N6fNYIA. Acesso em 10 de novembro de 2019.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Versão digital (2004).

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência**. Disponível em: <http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/6806>. Acesso em: 24 de maio de 2017.

MOREIRA, Érica Fabrícia Melo. **Programa Bolsa Família: uma etnografia a partir da perspectiva das mulheres indígenas Ticuna**. 2017. 87 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências Sociais, Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PEREIRA, Talita Jabs Eger. **Dinheiro e moralidade no bolsa família: uma perspectiva etnográfica**. 2013. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/81383>>. Acesso em: 18 maio 2018.

REGO, Walquíria Domingues Leão; PINZANI, Alessandro. **Liberdade, dinheiro e autonomia: o caso da Bolsa Família**. Dossiê 10 anos do Programa Bolsa Família. Revista Política e Trabalho, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, v. 1, ano 30, n. 38, abril 2013, p. 21-42. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Liberdade-dinheiro-e-autonomia.pdf> . Acesso em: 30 de maio de 2017.

REGO, Walquíria Leão; REGO, Alessandro Pizanni. **As vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SARTI, Cynthia (1996). **A Família como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: Autores Associados.

SILVA (coord.), Maria Ozanira da Silva e; LIMA, Valéria Ferreira Santos de Almada. **Avaliando o Bolsa Família: unificação, focalização e impactos**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, M. O. da S.; YASBEK, M. C.; GIOVANNI, G. di. **A Política Social Brasileira no Século XXI: a prevalência dos programas de transferência de renda**. 6 ed. rev. São Paulo: Cortez, 2004.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar. Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 123-132.

VELHO, Gilberto; KUSCHINIR, Karina. **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WILLIAMS, Priscila. **O empoderamento feminino e as mulheres do Programa Bolsa Família.** Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/viewFile/2658/2034> . Acesso em: 25 de maio de 2017

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta:** as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 2000.

